

REVOLUÇÃO COPERNICANA NA REVOLUÇÃO

EMIR SADER *

I

Deixando de lado sua origem astronômica, historicamente revolução nos remete a 1789, a 1848 e a 1871, antes de qualquer coisa. Nesses três momentos, com sinais de classe diferenciados, temos dois movimentos em que se unificam dois momentos diferenciados: a luta pelo poder e um projeto de transformações radicais da sociedade.

A insurreição de massa estava presente nos três, uma luta popular armada por parte da maioria excluída do poder para derrotar o poder vigente, destruí-lo em suas raízes e erigir um poder alternativo, democrático, majoritário, sob direção da massa da população.

II

Eclodindo sempre no centro do capitalismo mundial, aquelas lutas apontavam para uma dinâmica contínua entre os dois momentos - o do assalto ao poder e o da transformação radical da sociedade. Se 1879 apresentava uma mescla quase indiferenciada de classe, já 1848 e 1871 possibilitavam definir que a classe que se postava à frente da luta pelo poder seria aquela que daria a direção das transformações revolucionárias. A revolução - "democrática com alma social" ou anticapitalista - ganhava um caráter em que o vínculo indissolúvel entre seu momento negativo e positivo se resolviam um no outro, possibilitados pela continuidade garantida no próprio caráter dual do proletariado - classe *do* sistema e classe *contra* o sistema.

III

A revolução - como se sabe - levou pela primeira vez de forma duradoura ao poder o proletariado na Rússia atrasada. Ali se separavam os dois ele

* Professor do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

mentos indissolúvelmente ligados nos episódios anteriores: a luta pelo poder não era levada a cabo nas condições de um capitalismo desenvolvido para a época e o proletariado dependia, para a sua vitória, da aliança de classe majoritária, um campesinato ansioso pela posse da terra.

Nos termos de Lenin, era mais fácil tomar o poder na Rússia atrasada, embora fosse mais difícil construir o socialismo. A revolução russa teria que ser resgatada pela revolução na Europa avançada. Senão, nos termos de Marx em *A ideologia alemã*, se faria a socialização da miséria e o retomo paulatino à barbárie.

A tomada do poder era mais fácil pela fragilidade maior das condições de dominação do Estado czarista, que havia tomado a Rússia atrasada no elo mais frágil da cadeia de dominação mundial do imperialismo, ao acoplar um meio social atrasado com as tentativas de se tomar um Estado imperialista, sentado à mesa com as potências europeias que repartiam o mundo entre si. A excessiva pressão sobre a sociedade produzia aquela fragilidade, que a guerra se encarregou de materializar mediante a incorporação maciça de operários e camponeses às armas e ao fronte de guerra irmanados.

IV

Uma vez terminada a guerra e a já então União Soviética isolada - depois que, num certo momento, entre 1919 e 1923, como que se decidiu o destino do socialismo neste século, quando se jogava a sorte da Alemanha derrotada na guerra -, colocaram-se os termos do debate entre Stalin e Trotski. Um dilema diante do fracasso da expansão do socialismo na Europa avançada e do resgate da URSS atrasada.

O triunfo de Stalin possibilitou transformar em virtude a debilidade da revolução: concentrar forças para construir o socialismo no "território libertado" da primeira "pátria do socialismo". A extensão da revolução mundial ficaria para quando condições mais propícias voltassem a aparecer no horizonte.

Assim se dissociavam os dois elementos antes intrinsecamente vinculados, sem que isto fosse assumido como tal: o assalto ao poder levava o proletariado a construir o socialismo, como se ele atuasse nas condições do capitalismo alemão ou inglês desenvolvido. "Condições objetivas" e "condições subjetivas" encontravam um hiato entre si, que, de forma análoga ao que aconteceu nos capitalismo tardios da Alemanha e da Itália, foi preenchido pelo Estado.

As "condições subjetivas" se encarregariam de criar as condições materiais necessárias a colocar a URSS no caminho da construção do socialismo. Nesse espaço de tempo surgiu o que se convencionou chamar de "stalinismo", caracterizado pela intervenção sem contrapesos - nos campos econômico, social, político, militar e ideológico - para gerar a partir do seio do Estado um socialismo de um ventre cuja gravidez foi forjada mediante uma violação.

V

O aparente "sucesso" da construção da URSS como país socialista - afirmada incondicionalmente pelos partidos comunistas, mas aceita por quase toda a esquerda, no sentido do crescimento econômico e da consolidação como segunda potência do mundo - apontava os caminhos da revolução numa determinada direção. Era possível tomar o poder e construir o socialismo mesmo nos países periféricos do capitalismo, de menor desenvolvimento econômico-social. Isso parecia se confirmar, porque os países que chegavam ao socialismo depois da consolidação da URSS como potência mundial, aparentemente como um sistema social "irreversível", poderiam contar com esta como ponto de apoio. Como posteriormente teorizaram dirigentes da Revolução Cubana, o papel do "campo socialista" deveria ser o de propiciar a acumulação socialista primitiva para as novas revoluções.

O triunfo da Revolução Chinesa parecia demonstrar praticamente que o socialismo comia o capitalismo pelas beiradas, construindo-se a partir de sua periferia, o que poderia transformar o que seria uma exceção numa regra.

Vietnã e Cuba estendiam essa idéia, já teorizada pelos dirigentes chineses, com a transferência da teoria do cerco das cidades pelo campo para a do cerco das metrópoles capitalistas pela periferia. Dali ao papel de vanguarda do campesinato e depois, no Camboja, à teorização das virtudes do campo sobre a "corrupção" das cidades, foi um passo que alguns chegaram a dar.

Porém isso tudo partia de uma realidade evidente. A Europa capitalista, assim como os EUA e o Japão - conjunto das metrópoles capitalistas - se reconstruíam no maior ciclo de expansão desse sistema desde seu surgimento, vivendo sua idade do ouro, sem que os movimentos operários e os partidos comunistas ou social-democratas conseguissem fazer da revolução - e do socialismo - uma atualidade. Esse bloco unificado se opunha ao "campo socialista" e aos países do Terceiro Mundo que resistiam à sua subordinação econômica, política, militar e ideológica.

Havia um suposto nisso tudo: uma vez "tomado" o poder pelo proletariado e seus aliados, a construção do socialismo era possível. Havia diferenças no que se refere ao que significaria "tomar" o poder, que caminhos esse processo deveria assumir etc. Mas se mantinha como indissolúvel a continuidade entre os dois elementos - as duas acepções de revolução: tomada do poder e construção da sociedade socialista.

VI

O fracasso da União Soviética fez retomar com toda sua força a formulação de Marx a respeito da construção do socialismo em condições de atraso, acrescida do cerco de potências mais desenvolvidas tecnológica e economicamente. Mas, além disso, ressaltou com força não menor outras dimensões subestimadas do socialismo: a democracia política e o elemento moral da igualdade, da justiça social. Mesmo que competisse em condições superiores materialmente com o capitalismo, o socialismo teria que perfilar uma sociedade qualitativamente superior, distinta, das sociedades baseadas na maximização do lucro.

O sentimento difundido de que a "roda da história" não tinha volta atrás e que ela se encarregaria de repor as condições "corretas" de construção da sociedade que superaria o capitalismo ajudou a selar um certo determinismo histórico, subproduto da visão stalinista da história. Hoje temos consciência de que o socialismo não é inevitável, que não é certo que a história caminha para o socialismo ou mesmo que a história "caminhe". O método marxista tem compromisso com a idéia de contradição, que mais do que nunca se manifesta real e não com um unidirecionamento da história.

Mesmo numa primeira revisita da categoria revolução, podemos constatar que ela requer uma revolução copernicana: a história não gira em torno da revolução; é esta - se se quer efetivamente superar o capitalismo e construir uma sociedade qualitativamente diferente - que deve procurar se adequar ao movimento da história e das sociedades concretas.

Isso significa reapropriar-se do anticapitalismo como base da reconstrução da idéia do socialismo e da revolução. Foi da negação superadora do capitalismo que o socialismo marxista surgiu. É da sua reapropriação que pode ressurgir a revolução, que terá vida tão longa - assim como o socialismo quanto a do capitalismo como sistema baseado na exploração, gerador de exclusões, de desigualdades, de preconceitos, na mercantilização da vida. De sua negação superadora em todos os campos, a revolução se reafirmará, longe de qualquer visão redutora que a limite a um processo de luta pelo poder, mas que inclua, desde hoje, a construção da força social, ideológica, política, organizativa e material que conduzirá a construção de uma sociedade humana, justa, solidária.

SADER, Emir. Revolução copernicana na revolução. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p.160-163.

Palavras-chave: Revolução; Luta; Poder; União Soviética.